



Moisturo
dos Mays

VEGANARQUISMO

Libertação Animal e Revolução Social:
uma perspectiva vegana do anarquismo ou uma
perspectiva anarquista do veganismo

Brian A. Dominick

Editora Artesanal Monstro dos Mares
Cachoeira do Sul - RS
Setembro de 2014

Editora Artesanal Monstro dos Mares

Rua Dona Hermínia, 2392

Cachoeira do Sul - RS

96501-232

monstrodosmares.milharal.org

we.riseup.net/monstrodosmares

monstrodosmares@riseup.net

Animal Liberation and Social Revolution

Brian A. Dominick, Critical Mass Media, 1995.

Versão em Português do Brasil da terceira edição do título original publicado em 2008.

Versionamento e editoração eletrônica pelo coletivo editorial através do [we.riseup](http://we.riseup.net) e trocas de e-mails.

Ilustrações copiadas da internet, obrigado.
De nada.

Primeira impressão
Setembro de 2014

Copyright - all rights reversed.





Participe deste livro:

Envie relatos de suas vivências veganarquistas, lutas antiespecistas e libertação animal. Cada relato pode conter até 1.500 toques e deve necessariamente conter uma visão anarquista e libertária para ser publicada.

Editora Artesanal Monstro dos Mares

Rua Dona Hermínia, 2392
Cachoeira do Sul - RS
96501-232

monstrosmares.milharal.org

we.riseup.net/monstrosmares

monstrosmares@riseup.net

Sumário

Libertação Animal e Revolução Social

Introdução: Xs Veganarquistas ...	09
O que é a revolução social? ...	13
Veganismo Radical ...	16
A violência na vida diária ...	28
A alienação na vida diária ...	31
A ação revolucionária ...	36

Introdução: Xs Vegañarquistas

9 De um tempo pra cá, xs ativistas da libertação animal e aqueles que lutam em seu nome estiveram envolvidos em um discurso e ação acalorado. Embora a teoria da libertação animal e o ativismo poucas vezes sejam bem-vindos ou considerados sérios pela esquerda dominante, muitos anarquistas já começaram a reconhecer sua legitimidade, não apenas como uma causa válida, mas como um aspecto integral e indispensável da teoria radical e da prática revolucionária. Enquanto a maioria das pessoas que se declaram anarquistas ainda não adotaram a libertação animal e seu correspondente estilo de vida – o veganismo – um número crescente de jovens anarquistas estão adotando pensamentos ecologistas e de inclusão-animal como parte de suas práticas gerais.

Do mesmo modo, muitos vegans e libertacionistas de animais estão sendo influenciados pelo pensamento anarquista e sua rica tradição. Isso fica evidente com a crescente hostilidade entre alguns ativistas da libertação animal para o sistema estatal, capitalista, sexista, racista e eta-

rista, cuja guerra entre os animais não-humanos e seus defensores humanos (contra o sistema) vem aumentando com intensidade. A comunidade de libertacionistas animais é relativamente nova e esta rapidamente se tornando consciente da totalidade de forças que alimentam a máquina especista (humana) que é a sociedade moderna. Enquanto aumenta esta consciência, também deveria crescer a afinidade entre liberacionistas animais e uma parcela socialmente mais orientada, xs anarquistas.

Quanto mais reconhecermos a comunalidade e a interdependência de nossas lutas, que alguma vez consideramos bastantes distintas uma da outra, mais compreenderemos o que a liberdade e a revolução realmente significam. 10

Independentemente de nossa ampla visão, xs anarquistas e liberacionistas animais compartilhamos de metodologia estratégica. Sem pretender falar por todos, direi que aqueles a quem considero os verdadeiros anarquistas e liberacionistas animais buscam realizar nossos sonhos através de qualquer meio efetivo. Entendemos, contrario a visão estabelecida de nós, que a destruição e violência sem sentido não nos trará o

fim que desejamos. Porém a diferença entre liberais e progressistas, cujo os objetivos se limitam a reformar, nós estamos dispostos a admitir que a verdadeira mudança só chegará se somarmos uma força destrutiva em nossa transformação criativa da sociedade opressora. Podemos construir tudo o que queremos e devemos ser o mais proativos possível. Porém, também entendemos que somente depois de apagar aquilo que existe para prevenir nossa libertação poderemos fazer espaço para a criação livre.

- 11 Sou vegan porque sinto compaixão com os animais; os vejo como possuidores de valor igual ao dos humanos. Sou anarquista porque sinto a mesma compaixão com os humanos e porque me recuso a ficar conformado com as perspectivas comprometidas, estratégias incompetentes e objetivos vendidos. Como radical, minha abordagem com a libertação animal e humana é sem compromisso: liberdade total para todos, se não...

Neste ensaio desejo demonstrar que qualquer aproximação para a mudança social deve ser composto de conhecimentos não apenas pelas relações sociais, mas também pelas relações entre humanos e a natureza, incluindo os animais não-humanos. Também desejo mostrar aqui porque nenhuma abordagem com a libertação animal é possível sem uma completa compreensão e imersão na luta social revolucionária. Devemos nos transformar, falando de outra forma, em “veganarquistas”.

O que é a revolução social?

13 “Revolução” é uma dessas palavras cujo o significado varia muito conforme cada pessoa. De fato, provavelmente seja seguro dizer que não há duas pessoas que compartilham da mesma ideia do que realmente é “revolução”. Isso, na minha mente, é o que faz a revolução realmente bela. Quando falo de revolução, me refiro a uma dramática transformação social. Porém minha revolução não se define por mudanças objetivas ao mundo que nos rodeia, como a derrubada do estado ou do capitalismo. Esses, para mim, são apenas sintomas. A revolução por si mesma, não poderá ser encontrada fora de nós. É totalmente interna, completamente pessoal. Cada individualidade tem uma perspectiva.

Cada pessoa vê o mundo de uma forma diferente. A maioria delas deixam que a sociedade em que vivem, direcione suas perspectivas. A esmagadora maioria de nós vemos o mundo e a nós mesmos de formas condicionadas pelas instituições que manipulam nossas vidas, como o governo, família, matrimônio, igreja, corporações, escola, etc. Cada uma dessas instituições, por sua vez, é geralmente parte do que cha-

mo de entidade establishment-ada, que existe exclusivamente para perpetuar o poder de uma relativa minoria. Alimentada pela fome dessa elite por mais e mais poder, o establishment necessariamente absorve esse poder do resto do mundo por meio da opressão.

O sistema emprega muitas formas de opressão, diversas delas comumente reconhecidas, porém, poucas vezes compreendidas, quem dirá enfrentadas. Primeiro está o classismo, que é a opressão econômica; estadismo, a submissão das pessoas a autoridade política; sexismo e homofobia, opressão baseada na supremacia heterossexual masculina ou patriarcado; racismo, um termo geral para opressões fundamentadas no etnocentrismo. Para além dessas formas de opressão comumente reconhecidas, existe o etarismo, que é o domínio dos adultos sobre as crianças ou jovens e finalmente, as opressões resultantes do antropocentrismo, ou seja, o especismo e a destruição do meio ambiente.

14

Desde o princípio da história, o establishment tem utilizado essas dinâmicas opressivas, incrementando e concentrando seu poder como resultado disso. Com isso, cada forma de opressão se

tornou independente uma da outra. A mistura dessas diferentes formas de opressão servem para aumentar e complementar cada uma tanto em versatilidade como em força.

Assim, a força atrás das instituições que nos estão manipulando socialmente, é a mesma força por detrás do racismo, especismo, sexismo, clasismo e outros. Seria razoável assumir, então, que a maioria de nós como produto das instituições do establishment, temos sido socialmente modificados para fomentar a opressão dentro e entre nós.

15

A revolução é o processo – não o evento – de desafiar a falsa sabedoria e valores com que estamos sendo doutrinados e de desafiar as ações que estamos aprendendo o que fazer e não fazer. Nós somos o inimigo, derrubar o opressor em nossa mente sera a revolução – vê-lo cair aos pedaços pelas ruas será simplesmente um sinal de que estamos se revoltado de uma forma unificada e ilimitada. A revolução social é uma recompilação de processos internos. A mudança social radical das condições objetivas no contexto em que vivemos só pode florescer como resultado dessa revolução.

Veganismo Radical

Duas palavras cujos os significados são usualmente mal interpretados são “radicalismo” e “veganismo”. A apropriação desses termos por liberais míopes e egocêntricos, eliminou o potencial originalmente outorgado a eles. De novo, sem reivindicar um monopólio com definições “verdadeiras”, ofereço significados pessoais para esses termos.

O radicalismo e o extremismo não são sinônimos em absoluto como normalmente se acredita. A palavra radical, se deriva da raiz latina “rad”, que significa raiz. O radicalismo não é uma medida de fanatismo ideológico da direita ou da esquerda; ao contrário descreve um estilo de aproximação aos problemas sociais. O radical literalmente falando é alguém que busca a raiz do problema de forma que possa atacá-lo para obter uma solução.

16

Os radicais não limitam seus objetivos a reformas. Não é nossa opção fazer concessões aos vitimizadores para gerar um alívio da miséria resultante da opressão. Essas são tarefas usualmente deixadas para os liberais e progressistas.

Ao que se reconhece que as vezes as reformas trazem como consequências melhoras, para os radicais o único fim satisfatório é a vitória – um fim definido como uma troca revolucionária nas raízes da opressão.

Em minha definição, o vegetarianismo puro não é veganismo. Recusar a consumir produtos de animais não humanos, ainda que seja um modo de vida maravilhoso, não é o mesmo que veganismo. O vegan baseia suas escolhas em uma compreensão radical do que a opressão animal realmente é, e sua forma de vida é altamente informada e politizada. Por exemplo, não é incomum aos autodeclarados veganos justificarem seu consumo despreocupado de produtos de grandes empresas afirmando que os animais se encontram indefesos e os humanos não. Muitos vegetarianos não veem a validade das causas da liberdade humana, ou as veem como subordinadas em importância à aquelas em que os animais não podem se defender. Esse pensamento expoe a ignorância do vegetariano liberal, não somente quanto a opressão humana, mas também quanto a profunda conexão entre o sistema capitalista em geral e as indústrias da opressão animal.

Muita gente se autodenomina vegan e ativista dos direitos animais, em minha experiência, tem muito pouco ou nenhum conhecimento da ciência social e usualmente o que “sabem” sobre a conexão entre a sociedade e a natureza não-humana está cheia de erros. Por exemplo, não é incomum escutar um vegan argumentar que é o consumo de animais a causa da fome no mundo. Afinal, mais de 80% dos grãos produzidos nos Estados Unidos é dado ao gado como alimento, e essa quantidade seria mais que suficiente para eliminar a fome no mundo. Parece lógico concluir, então, que ao terminar o consumo humano de animais nos Estados Unidos, traria como consequência essa diminuição da fome mundial. O guru vegano John Robbins parece sustentar essa crença.

18

Porém ela é completamente falsa! Se os estadunidenses deixarem de comer carne no próximo ano, é improvável que uma só pessoa faminta seja alimentada com novos grãos produzidos no solo norte-americano. Isso é porque o problema da fome global, assim como o da “superpopulação”, não é o que parece. Esses problemas têm sua raiz não na disponibilidade de recursos, mas em sua destinação. As elites precisam da escas-

sez, uma oferta de recursos altamente restritos, por duas razões principais:

Primeiro, o valor de mercado dos bens cai fortemente a medida que a oferta aumenta. Se os grãos que atualmente se utilizam para alimentar os animais prontamente se encontram disponíveis, esse câmbio levaria o preço dos grãos para o chão, eliminando a margem de lucro. Portanto, as elites com investimentos no mercado de grãos para agricultura tem interesse que correspondem diretamente a aqueles das elites que possuem parte do mercado da agricultura animal. Os vegetarianos tendem a acreditar que os produtores de vegetais e grãos são bons enquanto aqueles envolvidos na criação de animais são infames. O fato é que os vegetais são commodities, e aqueles com interesses financeiros na indústria vegetal não querem que seu produto esteja disponível se isso significar cultivar mais para ter menos lucro.

Segundo, acontece que a distribuição global e nacional da comida é uma ferramenta política. Os governos e as organizações econômicas internacionais manipulam cuidadosamente a oferta de comida e água, para controlar populações

inteiras. As vezes, a comida pode ser negada às pessoas famintas de forma que se mantenham fracas e dóceis. Outras vezes, seu fornecimento é parte de uma estratégia que busca tranquilizar populações inquietas, que se encontram à beira de uma revolta.

Sabendo de tudo isso, torna-se razoável assumir que o governo dos Estados Unidos, tão estreitamente controlado pelos interesses privados, incentivaria a não-produção de grãos, para “salvar a indústria de um colapso”. Aos agricultores então, se pagaria para não produzir grãos ou até mesmo para destruir suas plantações.

20

Não é suficiente boicotar a indústria da carne e esperar que os recursos sejam transferidos para alimentar os pobres. Devemos estabelecer um sistema que realmente queira atender as necessidades humanas, nas quais se implica uma revolução social.

Esta é só uma das muitas conexões entre a exploração animal e humana, porém ilustra bem a necessidade de uma revolução total. Uma revolução na relação entre humanos e animais tem um alcance limitado e é, de fato, substituída

pela mesma natureza da sociedade moderna. Uma razão pela qual os animais são explorados em primeiro lugar é porque seu abuso é rentável. Os vegetarianos tendem a compreender até aqui. Porém, a indústria da carne (incluindo laticínios, vivissecção, etc) não é uma entidade isolada. A indústria da carne não será destruída até que o capitalismo de mercado seja destruído, pois é este último que dá ímpeto e iniciativa ao primeiro. E para os capitalistas, a ideia de ganhos fáceis através da exploração animal é irresistível.

- 21 Desejar o lucro não é o único fator social que estimula a exploração animal. De fato, a economia é somente uma forma de relação social. Também temos relações políticas, culturais e interpessoais, cada uma delas pode demonstrar influência à percepção de que os animais existem para serem usados pelos humanos.

A bíblia cristã e as religiões ocidentais em geral são cheias de referências ao suposto “direito divino” dos humanos para usar nossos semelhantes não-humanos para as próprias necessidades. E neste momento da história, é um absurdo pensar que os humanos necessitem explorar os

animais. Podemos ganhar muito pouco com o sofrimento dos animais não-humanos. Porém Deus supostamente disse que podemos usá-los, assim que continuamos a fazê-lo, a pesar do fato de que já superamos qualquer necessidade real que alguma vez já tenhamos tido que fazê-lo.

Os vivissectores argumentam que podemos aprender com os animais não-humanos, e usam essa afirmação para justificar a tortura e o assassinato de seres sensíveis. Os radicais necessitam dar-se conta, como os vegans, de que a única coisa que podemos aprender com os animais é como viver uma relação sensata com o nosso meio ambiente. Precisamos observar aos animais em seu habitat natural e imitar suas relações ambientais dentro do possível. Tal compreensão da harmonia entre os humanos e a natureza algum dia salvará e adicionará valor a mais vidas, do que encontrar uma cura do câncer através da “ciência” que tortura animais jamais conseguirá. Afinal, a raiz da maior parte dos cânceres é o maltrato humano da natureza. Nenhum radical esperaria encontrar solução para tal problema causando mais destruição da natureza por meio da experimentação animal.

As ligações entre especismo e racismo – entre o trato com os animais e com pessoas negras – tem sido explicitadamente demonstrada (inclusive em gráficos). No livro “The Dreaded Comparison: Human and Animal Slavery”, de Marjorie Spiegel, inteligentemente faz incríveis comparações entre o trato aos animais pelos humanos, e o tratamento dado as “raças inferiores” pelos brancos, afirmando que “ambos tratamentos estão construídos em torno da mesma relação básica – aquela entre o opressor e o oprimido”. Como ilustra Spiegel, historicamente o trato dos não-brancos pelos brancos são assustadoramente parecidos aos que os não-humanos são tratados pelos humanos. Decidir que uma opressão é válida e outra não, é limitar conscientemente a compreensão do mundo; é optar por uma ignorância voluntária, usualmente por uma conveniência pessoal. “Uma causa de cada vez” disse o pensador monista, como se essas dinâmicas interrelacionadas pudessem ser esterilizadas e eliminadas da relação que existe entre elas.

O domínio masculino em forma de patriarcado e o especismo, produto do antropocentrismo, tem sido expostos com uma claridade poética por Carol Adams no seu livro: *The Sexual Politics of*

Meat. O feminismo e o veganismo tem muito em comum, e cada um tem suficiente para ensinar e para aprender com o outro. Depois de entender as comparações concretas entre a perspectiva patriarcal e o trato aos animais, Adams descreve e pede que se reconheça a conexão profunda entre os estilos de vida vegan e o feminista.

Uma comparação entre as relações interpessoais e as humano-animal que não foram examinadas profundamente, que eu saiba, inclui o trato que os adultos fazem com as crianças e jovens, assim como o trato dos adultos com os idosos. Em cada caso, os oprimidos são vistos como seres desprovidos de uma completa capacidade de responderem por suas ações. Por exemplo, crianças e idosos são vistos igualmente como fracos e incompetentes (apesar de seu potencial real de responsabilidade). O etarismo está arraigado em algo que chamo de adultocracia, que se refere a noção de que a “adulthood” é possuída por uma certa qualidade de responsabilidade não encontrada nos velhos e nos menores. Como os animais, aqueles que são oprimidos pelo etarismo são tratados como objetos desprovidos de caráter ou valor individual. São explorados ao máximo, afogados quando estão “calmos”,

porém quase nunca dotados do respeito oferecido aos adultos humanos. Que as crianças, os idosos e os animais sejam seres vivos, pensantes e consciente de alguma forma se perde na busca do adulto por domínio e poder. A diferente do patriarcado, a “adultocracia” não requer uma hierarquia formal: afirma seu domínio ao convencer suas vítimas de serem menos válidas que seus opressores adultos. Os não-humanos também podem ser facilmente invalidados. Um grande passo nessa direção se dá simplesmente ao privá-los de qualquer liberdade de desenvolver seu caráter individual.

25

Não há dúvida de que o estado está do lado daqueles que exploram os animais. Com mínimas exceções, a lei é definitivamente anti-animal. Isso é demonstrado com o subsídio governamental às indústrias lácteas e da carne, da vivisseção e do uso militar de não-humanos, assim como de sua oposição para aqueles que resistem contra a indústria da exploração animal. O político nunca compreenderá porque o estado deve proteger os animais. Afinal, cada esfera da vida social afirma e fortalece o seu abuso. Atuar nos “interesses” dos eleitores (humanos) sempre se traduzirá em, por mais absurdo que pareça,

atuar contra os interesses do reino animal, um extenso eleitorado que ainda não recebeu direito ao voto.

Porém, o anarquista se pergunta, se cada animal foi provido de sufrágio e depois se reafirmam sua necessidade de proteção ao votar, teríamos uma sociedade melhor? É dizer: realmente queremos que o estado se interponha entre os humanos e os animais, ou preferíamos eliminar a necessidade de tal barreira? A maioria estaria de acordo que a melhor escolha seria deixar que os humanos decidam deter o consumo animal sem antes terem sido obrigados a fazê-lo. Afinal, se a proibição do álcool causou tanto crime e violência, imaginem o conflito social que a proibição da carne poderia causar! Assim como a guerra contra as drogas, nunca afetaria os problemas blindados pela dependência química e seu “sub-mundo”, nenhuma guerra legal contra a carne teria alguma oportunidade de frear a exploração animal; simplesmente causaria mais problemas. As raízes desse tipo de problemas se encontram no desejo social criado e reforçado para produzir e consumir aquilo que não necessitamos. Tudo em nossa sociedade atual diz que “necessitamos” de drogas e carne. Mas o que realmente necessi-

tamos é destruir essa sociedade.

O vegan deve ir mais fundo na compreensão monista da opressão não-humana e entender suas raízes nas relações sociais humanas. Além do mais, o vegan deve estender seu estilo de vida de resistência para a resistência da opressão humana.

A violência na vida diária

Nossa sociedade, poucos discordariam, está baseada em grande parte na violência. Para onde voltamo-nos, parece que há violência, uma percepção aumentada exponencialmente pelas imagens dos meios controlados pelas corporações. Esta violência, como parte de nossa cultura e nossa existência, sem dúvida têm uma profunda influência em nós. Essa influência, cuja extensão dificilmente podemos esperar compreender totalmente algum dia. Aqueles que estão na ponta final, sofrendo a violência, naturalmente sofrem severas perdas de poder. Como o poder é um conceito social, nós como pessoas não necessariamente compreendemos o que significa para os outros. Quando percebemos uma perda de poder, uma de nossas reações típicas é reafirmar o pouco poder que nos resta. Uma vez internalizados os efeitos da opressão, os levamos conosco, usualmente para convertermos em vitimizadores. É uma triste verdade que as vítimas usualmente se tornem opressores, justamente por terem sido vitimizadas. Quando a vitimização toma forma de violência física, essa geralmente se traduz em mais violência.

Com isso em mente, podemos ver claramente porque o abuso aos animais, seja diretamente como é o caso de maltrato aos filhotes, ou indiretamente como no processo de consumo da carne, se relaciona com a violência social. Os humanos que são maltratados tendem a maltratar outros, e os animais se encontram entre as vítimas mais fáceis e indefesas. Isso demonstra uma outra razão pela qual aqueles que se preocupam com o bem-estar dos animais devem combater a opressão social.

29 Afinal, essa dinâmica de causa-efeito funciona nas duas direções. Se tem demonstrado que aqueles que são violentos com os animais (direta ou indiretamente) também tendem a ser violentos com outros humanos. As pessoas que se alimentam de uma dieta vegetariana, neste caso, são tipicamente menos violentas que aquelas que consomem carne. Pessoas que abusam de seus animais de estimação dificilmente param por aí, os seus filhos e parceiros serão os próximos.

É um absurdo pensar que uma sociedade que oprime os animais não-humanos poderá converter-se numa sociedade que não oprime os

humanos. Reconhecer a opressão animal então se converte num pré-requisito para a mudança social radical.

A alienação na vida diária

31 Na raiz da opressão, da exploração radical, se encontra a alienação. Os seres humanos são criaturas sociais. Somos capazes de sentir compaixão. Somos capazes de compreender que há um bem-estar social, um bem comum. Porque podemos sentir empatia com outros, aqueles que enfrentamos contra os outros, sociedade, comunidades e indivíduos, ou como humanos contra a natureza, devem abstrair os efeitos de nossas ações. É difícil convencer um humano que esta causando sofrimento a outro. É ainda mais difícil convencer um humano a prejudicar um animal não-humano sem razão alguma, ou para contribuir diretamente na destruição de seu próprio ambiente natural.

Quando uma sociedade entra em guerra com outra, é incontestável que o líder de cada sociedade convença “as massas” de que a população adversária é má e desumana. Depois, os líderes devem esconder os resultados reais de uma guerra: violência em massa, destruição e derramamento de sangue. A guerra é algo que acontece em outro lugar, dizem, e esses “estranheiros” que morrem, é porque merecem.

As dinâmicas opressoras nas relações sociais sempre estão baseadas na dicotomia nós/eles, com o opressor visto claramente como algo diferente do oprimido. Para o opressor, o “nós” é supremo e privilegiado. O rico “entende” que suas riquezas são adquiridas por métodos “justos e honestos”. Tanto o opressor como o oprimido são levados a acreditar que a incapacidade do pobre e sua incompetência são o que o mantêm assim. Não se reconhece o fato de que o privilégio econômico automaticamente promove a desigualdade. Simplesmente não é suficiente para darmos “a virada” quando alguns podem levar mais daquilo que deveria ser o seu “pedaço”. Porém os ricos são desprovidos de truísmo. Deve ser mesmo, pois de que outra forma não seriam capazes de justificar a desigualdade promovida por eles.

32

O vegan entende que a exploração humana e o consumo de animais são facilitados pela alienação. As pessoas não poderiam viver da forma que fazem (a custa do sofrimento animal) se entenderiam os efeitos reais desse consumo. Essa é precisamente a razão pela qual o capitalismo recentemente eliminou por completo o consumidor do processo de produção. A tortura acontece

em outro lugar, por trás das portas (fortemente) fechadas. Sem a permissão para criar empatia com as vítimas da opressão das espécies, os humanos não poderiam continuar com suas vidas como fazem hoje.

Os humanos devem se manter alienados da lógica simples que existe atrás do veganismo. Para manter a dicotomia nós/eles entre humanos e “animal” (como se nós não fossemos animais!), não se pode permitir escutar os argumentos básicos em favor da transposição desse falso sentido de dualidade.

33

Se nos dizem que os humanos podem utilizar linguagens e estilos de raciocínio complexo. Os não humanos não podem. Os humanos são pessoas, os demais são bestas, no melhor dos casos. Os animais são menos que os humanos não pela natureza, mas por deshumanização ativa, um processo mediante o qual as pessoas conscientes tiram dos animais o seu valor. Afinal, a incapacidade de falar ou raciocinar de forma “inteligente” não é exclusividade das crianças ou pessoas com severo atraso mental para a violência de milhões de não-humanos sofrem diariamente. Enfrentemos, a dicotomia entre o humano e o

animal é mais autoritária do que científica. Não é diferente que aquela levantada entre “brancos” e “negros”; ou “vermelhos” e “amarelos”; entre adulto e criança; entre homem e mulher; entre heterossexual e homossexual; local e estrangeiro. As linhas se desenham sem cuidado, porém, com uma intenção tortuosa, e nosso pensamento esta modificado pelas instituições que nos levam a acreditar que nós estamos de um lado da linha, e que essa linha seja racional.

Na vida diária, nós abstraímos os resultados de nossas ações mais básicas. Quando compramos um produto comestível no mercado, podemos ler a lista de ingredientes e geralmente sabemos se o processo de produção assassinou e/ou torturou animais. Porém, o que sabemos sobre as pessoas que fizeram esse produto? Será que mulheres e homens recebem salários iguais? Foram negros escravizados por brancos no “chão de fábrica”? Foram atropelados os esforços da união coletiva de trabalhadores? Cem trabalhadores foram assassinados durante um protesto que exigia um salário digno?

Quando eu, como homem, converso com uma mulher ou com alguém menor que eu, sou dominante e prepotente como tenho sido condicionado a ser por uma sociedade patriarcal? Me vejo como uma pessoa “branca”, “superior” aos “negros” (ainda que inconscientemente)? Vejo as pessoas “de cor” como especificamente diferentes de mim? Essas são perguntas que não se incentiva a fazermos. Porém, as devemos. Para superar a alienação, devemos ser diligentemente críticos, não só do mundo que nos rodeia, mas também de nossas cabeças, devemos questionar constantemente nossas crenças e suposições. O

35 que devemos nos perguntar como indivíduos são os efeitos de nossas ações. Não só aquelas que nos rodeiam, mas também de nosso entorno natural.

Como um componente chave da perpetuação da opressão, toda a alienação deve ser destruída. Enquanto podemos ignorar o sofrimento do matadouro e ao laboratório de vivissecção, podemos ignorar as condições do terceiro mundo, do gueto urbano, dos abusadores domésticos, da sala de aula autoritária e outros. A habilidade de ignorar uma opressão é a habilidade de ignorar qualquer outra opressão.

A ação revolucionária

Compreender a nós mesmos e nossas relações com o mundo que nos cerca não é mais que o primeiro passo para a revolução. Assim, devemos aplicar nossa compreensão num programa prático de ações. Quando falo de ação, não me refiro somente aos eventos semanais ou mensais, e aqueles em conjunto com um grupo organizado para expor nossas crenças num protesto, ou quando executamos um ataque planejado a um lugar de opressões.

A ação não é tão limitada. Pode ser encontrada em nossas vidas diárias, nossa rotina e nossas atividades não tão cotidianas. Quando falamos de nossas ideias e as incluímos em conversas, no trabalho ou mesmo no jantar, estamos agindo. De fato, mesmo sem nos dar conta (ou dando), tudo o que fazemos é uma ação de uma série de outras ações. Reconhecer isso nos permite transformar nossas vidas diárias de reprimidas e alienadas, em libertadoras e revolucionárias.

36

O papel do revolucionário é simples: converter a própria vida num modelo miniatura da sociedade alternativa e revolucionária que imagina.

É um microcosmos do mundo que te rodeia, e ainda a mais básica das tuas ações afeta o contexto social do qual fazes parte. Você pode fazer desses efeitos algo positivo e radical na sua natureza.

A revolução deve tornar-se parte de nosso estilo de vida, guiada por uma visão e alimentada pela compaixão. Cada pensamento, cada palavra, cada ação deve estar enraizada da práxis radical. Devemos liberar nossos desejos através da crítica constante do que estamos sendo ensinados a pensar, e de uma busca constante do que realmente queremos. Uma vez conhecidos nossos desejos, devemos atuar nestes interesses.

Depois de identificar como trabalha nossa sociedade e decidir o que queremos, devemos começar a desmanchar o presente e armar o futuro (simultaneamente). Para derrubarmos os vestígios da opressão, devemos também criar, com análise e espontaneidade ao mesmo tempo, novas formas de relações sociais e ambientais, facilitadas por instituições novas e frescas. Economicamente falando, a propriedade privada de hoje, deve converter-se em propriedade social amanhã. Onde a disposição de produção,

consumo e recursos, que são agora ditados pelas forças do mercado irracional, no futuro devem ser de um sistema racional para a aquisição e distribuição de bens materiais e serviços. Com o enfoque na igualdade, diversidade, solidariedade, autonomia e o que mais quisermos que sejam os valores que guiam nossas visões.

Como um visionário, o vegan vê o mundo livre de exploração animal. Além disso, vê uma relação realmente pacífica e próxima entre a sociedade humana e seu ambiente natural. O movimento de ecologia profunda está nos ensinando que a natureza não-animal tem um valor que não pode ser quantificado em termos econômicos, assim como os vegans estão demonstrando o valor dos animais não-humanos, um valor que não pode ser calculado por economistas, mas simplesmente medido pela compaixão humana.

38

Essa compaixão, demonstrada com o proletário pelos socialistas, para as mulheres e “queers” pelas feministas, para os negros e etnias marginalizadas pelos intercomunalistas, para os jovens e idosos pelos juvenistas, e para aqueles no final da ponta da pistola do estado pelos libertários, é a mesma compaixão que os vegans

e ambientalistas radicais sentem para o mundo não-humano. Que cada um de nós tenha que se converter nesses “tipos” de radicais e incorporar suas ideologias em uma teoria, visão, estratégia e prática holística, é tão óbvio que não podemos permitir que seja ignorado.

Somente uma perspectiva e estilo de vida baseados numa verdadeira compaixão, podem destruir os conceitos opressivos da sociedade atual, e começar uma nova ao criar relações e realidades desejadas: Isso é para mim, a essência da anarquia. Qualquer pessoa que não adote todas as lutas contra a opressão não preenchem a minha definição de anarquista. Pode até parecer que estou pedindo muito, porém nunca deixarei de pedi-los para cara ser humano.

Impresso na Editora Deriva
Porto Alegre (RS)

www.deriva.com.br